

O COMMERCIO DE GUIMARÃES

Director

EDITOR—EDUARDO DE A. MALHADO
PROPRIETARIA—NANCISA DE J. F. MACHADO
PUBLICAÇÃO—A'S TERÇAS E SEXTAS

ANTONIO JOAQUIM D'AZEVEDO MACHADO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA DE D. JOÃO I—89 B 81

ATÉ QUANDO ?.....

O ministerio das finanças continua a ser o alvo das atenções de todo o paiz; o ministerio do interior, o foco onde se concentram os interesses das facções republicanas.

No ministerio das finanças joga-se o futuro de Portugal; no ministerio do interior, jogam-se os interesses dos republicanos, por isso se esfaqueiam na sombra, a conta da nomeação dos governadores civis.

Todas as classes levantam um clamor espantoso contra a extorsão de que vão ser alvo; todas as Associações bradam indignadamente contra a expolição violenta de que vão ser victimas!

Acordaram finalmente do marasmo em que tem dormitado; abriam os olhos ao embate violento que representam as propostas do sr. Cunha Leal!

Não são ellas a consequencia logica de todo o desregramento republicano?

Os monarchicos não pugnam durante oito annos seguidos para que o paiz accordasse da sua lethargia que o levava fatalmente á ruina, á derrocada?

Não era a fallencia fraudulenta, o que se esperava d'esta gente?

Que credito merecem os homens que tem governado o paiz?

Que credito merecem os que governam hoje?

São todos elles culpados e responsaveis pelos crimes perpetrados pelo partido dos escandalos, o partido democratico. Todos!

O sr. Liberao Pinto, o chefe do estado maior da guarda republicana, que se quer agora pôr á parte e acima dos seus correligionarios, que vem com pés de lã tentando iludir, não tem a paiz em torno de si uma atmosphera irrespiravel?

Os pupillos do exercito e kionga, são factos que ninguem ignora; e o seu correligionario Norton de Matos, melhor do que ninguem.

O sr. Cunha Leal tem sido alvo das mais tremen-

das accusações da parte dos jornaes de Lisboa; e não esqueceu o incidente no parlamento em janeiro de 919.

Quem lhes vae confiar mais dinheiro?

Então vae-se arrancar a pelle ao povo; vae-se viver na mais profunda miseria, para sustentar um regimen de vergonhosos escandalos?

Então veem exigir que se pague mais, que se sangre o povo, para prolongar a vida d'um regimen que poz o paiz a saque, conforme a confissão insuspeita do sr. Antonio Maria da Silva?!!

Enós havemos de consentir isso?

Com o nosso silencio, não se ha-de consumir semelhante crime.

As classes conservadoras ha-de hoje dar razão áquelles a quem não quizeram ajudar com efficacia; a inercia da massa que via na lucta titanica dos monarchicos, não um acto de puro e alevantageo patriotismo, mas um symptoma de irrequeitismo, vae custar-lhe bem caro; e oxalá esta lição lhe possa servir de emenda para o futuro.

E' indispensavel entrarmos definitivamente em *oida nova*; creio que hoje todos sentem que, a RESTAURAÇÃO DA MONARCHIA, é o unico caminho que podemos seguir para que Portugal se não perca.

A Grecia acaba de dar ao mundo inteiro, um exemplo soberbo de energia collectiva, de serenidade; exemplo que nós monarchicos, devemos seguir.

Venizellos foi expulso da Grecia, pela voz das urnas, nas eleições; a Grecia fez uma revolução sem uma gota de sangue, dentro do campo legal. E' um exemplo admiravel, frisante, do que pode um povo quando sabe o que quer e como quer.

Porque não ha-de repetir-se o mesmo em Portugal?

Na Grecia, os venizellistas, por fim, em face do interesse nacional que repre-

sentava o Rei Constantino, acabaram por votar tambem na volta do Rei.

Porque não nos havemos de defender d'um regimen que nos opprime, que nos vexa, e que não tem o menor credito, nem interna, nem externamente?

Porque não havemos de correr com o sr. Affonso Costa e seus adeptos e com os *cunhas leaes* que nos arrancam a pelle?

E continuem tendo os presos politicos nas cadeias e nos exilios, não se esquecendo de berrar que são os «jazuzitas» e os «thalassas» que põem o cabio pela hora da morte.

Continuem a representar com a amnistia, essa comedia infamissima, julgando que ludibriam algum, cá dentro, ou lá fóra, ou mesmo que incommodam as proprias victimas que cada vez mais os desprezam.

Julgam acaso que a opposição monarchica se não tem feito sentir energica e violentamente, em Lisboa, porque as cadeias estão cheias? Que imbecis!

Acaso supõem que a voz dos monarchicos se não tem feito ouvir com vehemencia para flagellar os crimes d'estes dois annos, porque ha presos e exilados?

Não perceberem então o que é e o que vale o silencio da CAUSA NACIONAL DA MONARCHIA!

E' o da calma intelligente; o da força organizada que espera e sabe esperar o momento oportuno.

A CAUSA NACIONAL DA MONARCHIA, unida firmemente em torno do seu Rei D. Manuel II, tem deixado á vontade o regimen exhibirse; assim se demonstrou com factos o que valem os republicanos de qualquer matiz; e o que representa para aquelles que tem que perder, a RESTAURAÇÃO DA MONARCHIA.

E como se está vendo na derrocada presente, não pode ser mais persuasivo nem eloquente o silencio dos monarchicos.

CYRANO.

Digno de registo

Publicou a *Especa* o que segue:

Recordações de C. E. P.

Um pormenor inedito da permanencia dos nossos soldados em Londres

Sob este titulo e assignado por A. P. publicou ha pouco o nosso collegio *A Opinião* o seguinte:

Como se sabe as nossas tropas tiveram nos arredores de Londres uma temporada de estada. Era preciso inicia-las nos segredos da guerra moderna, tão dicarsa da outra.

Essa instrução tiveram-na os proprios francezes e inglezes.

Foi n'essa occasião que se registou o gesto de duas fidalgas portuguezas:

O commandante das nossas tropas era um homem pratico, e, entre outras medidas inteligentes, ordenou que não se desperdigasse o crão da carne...

Esse crão era vendido, e, com o producto d'ele, os nossos soldados mais bem comportados davam de vez em quando o seu passeio á cidade de Tamisa... Era um pretexto, que constituia um incentivo á disciplina.

O soldado portuguez mete o nariz em tudo a parte, quer ver tudo—meio aquillo que não percebe... Foi assim que, uma manhã, um rancho de soldados encontrou-se n'um templo onde áquella hora se celebrava uma missa.

Quando sahiam, uma senhora alta, de porte distincto, disse-lhes:

—Vocês são portuguezes, pois são?

E, sem mais resposta, meteu-os no seu automovel que pouco depois parava á porta d'um grande palacio.

Os soldados comeram á tripa ferra, e, quando sahiam, levavam magnificos ajasalhados de excelente *chopitos*, bolos e, cada um d'elles uma libra em ouro...

—E digam aos seus companheiros que, quando vierem a Londres, passem por aqui...

Isso fez sensação entre os portuguezes: Quem seria a generosa senhora—pós que os francezes, de contentes, nem se lembraram de perguntar?

Alguns dias depois, a pessoa que isto nos conta foi a Londres, em serviço—fazer compras, e ao passar em certa rua viu, entre um grande ajuntamento, alguns soldados do C. E. P.

—Querem ver que ha senhora! disse ele consigo.

E aproxima-se. Era a aia da ex-rainha D. Amelia—e a ex-rainha fóra a senhora que presenteara os soldados...

O outro gesto é tão galante como este.

Ninguem ignora que os nossos soldados iam mal fornecidos de roupa. Quando ao chegarem ao campo de instrução, os officiaes, os inglezes, lhes fustiam desaperter as fardas, concluíram para logo que nem oito dias aguentariam n'aquella paiz de gelos quasi eternos!

Uma mulher, uma portugueza, soube-o, e foi ao acampamento indagar das necessidades dos seus compatriotas.

Horas inteiras passou ali, em contacto com os pobres rapazes, que d'um paiz de sol foram para um paiz de neve...

Deu-lhes dinheiro e cigarros, consolou-os, e viu-os a que se dessem defender a honra do paiz, e prometeu voltar.

Como se compreende, os nossos soldados quando algum se lhes dirigia com palavras de consolação, e que d'algum modo lhes manifestava um carinho, esultavam, sentiam-se outros... O que estes não pensaram foi na surpresa que essa senhora lhes preparava.

E pouco esperaram, pois, algumas horas depois da sua visita, uma nuvem de camions despejou no acampamento ajasalhados—camisolas, ceroulas, prugas, etc.

—É tudo do melhor—dis-nos a pessoa que fala—das lãs mais caras compradas no melhor e mais luzzoso armazem de Londres... Como este gesto foi salado, não me custou nada saber, no proprio armazem, que só essa encomenda custou cerca de cincoenta contos.

Esta senhora era uma neta do duquesa de Palmella—duquesa tambem.

E de justiça dizer que não foi esta a unica dadia da ex-rainha de Palmella.

Tanto esta fidalga, como a ex-rainha sr.^a D. Amelia, sempre que encontravam, aqui ou ali, um rancho dos nossos, tornavam-nos aos estabelecimentos, e, ao passo que lhes enchiam os bolsos de conhas de utilidade e gulodices, davam-lhes dinheiro, dizendo-lhes que era preciso manter a hygeia portugueza nos campos de batalha.

Nunca tinhamos ouvido falar neste episodio; pelo menos os jornaes não se referiram a ele. E, no entanto, é um bello gesto.

Quer porta dama ex-rainha de Portugal, ou dama duquesa, que representam um possado basico de Portugal—é indifferente.

É um gesto bello, que consola, e que muito confortou os nossos soldados, tão longe da sua terra.

VOOU AO CEU

Voou ao ceu a interessante e innocente maninha Maria da Conceição de Abreu Coutinho, filha unica da ex.^a sr.^a D. Maria de Conceição Leal de Abreu Coutinho, e do saudoso João de Abreu Calheiros de Noronha Pereira Coutinho.

Lindo botão de rosa, alegre, e de apparencia robusta, era a interessante criança, a unica consolação de sua desolada e joven mãe, que, na flor da idade tem passado pelos golpes mais rudes que se podem imaginar.

Quasi no berço, ficou orphão de paes, e mais tarde, após dois ou tres annos de cizada, foi repentinamente envolta nos cropes de viuva e agora perdeu a unica filha que possuia!

A criancinha que herdava a nobreza de seus paes e avós, era tambem herdeira de avultados meios de fortuna.

Foi impotente a sciencia medica, para chamar á vida aquella existencia ainda a desabrochar, e a interessante Maria da Conceição voou ao Ceu, deixando desoladissima sua mãe e seus thias que a adoravam.

Para taminha dôr, só pôde encontrar-se leitivo no seio da religião.

O cadaver do innocente anjinho foi conduzido ao cemiterio municipal, em carro armado, e cercado e coberto de mimosos e ricos «bouquets».

A toda a illustre familia em lucto, apresenta a redacção do «Commercio de Guimarães» o seu cartão de cumprimentos.

Juventude Catholica de Guimarães

Na sede d'esta sympathica instituição deve realizar-se no proximo dia 10 de janeiro, uma attraente diversão.

A actual direcção, despedindo-se dos seus trabalhos, promove alli uma conferencia, sendo orador o nosso querido amigo rev. João Luiz Caldas já sobejamente conhecido do publico guimaranense para que façamos a sua apresentação.

Subirá seguidamente á scena o drama, em 1 acto, *Noémia*,

que será desempenhado pelo grupo scenico da Juventude.

O drama que pela primeira vez se vai representar, é original d'um nosso prezado amigo, que nas varias e multiphas vezes que tem pisado o palco, tem mostrado a sua rara competencia na arte de Talma.

Recebemos o que segue:

Ex.ª Redacção do Commercio de Guimarães.

Guimarães

Da ordem do Ex.ª Sr. Vice-presidente da Comissão Executiva de Guimarães, em exercicio, e para que V. Ex.ª lhe dê a publicidade que merece, communico-lhe a parte da acta da sessão realizada no dia 14 deste mez, aprovada na sessão immediata do dia 21, a proposito da ultima aquisição do assucar. «Pelo Sr. Vice-presidente Antonio Lopes do Carvalho, na qualidade de Administrador interino deste concelho, servindo de Presidente da Comissão de Subsistencias, foi apresentada uma relação de despeza e receita relativa á ultima remessa de assucar fornecido a esta municipalidade, datada do dia de 11 de jan. de 1920, a qual consta que a despeza foi quinze mil setecentos e cincoenta escudos e quarenta e sete centavos e a receita do vinte mil oito centos e nove escudos e cincoenta e dois centavos, havendo, portanto, um saldo a favor da Fazenda Municipal de cinco mil cincoenta e nove escudos e cinco centavos, de que a Comissão ficou inteirada, mandando arquivar para os fins legais.

Saude e Fraternidade.

Guimarães, 22 de Dezembro de 1920.

O Chefe da Secretaria,

José M. Gomes Alves

O Natal dos nossos

pobresinhos

A exemplo d'annos transactos, um caridoso anonymo, enviou-nos, por intermedio do nosso querido amigo, rev. Abilio Augusto de Passos, a quantia de 50000 reis para distribuir na vespada do Natal, pelos nossos pobresinhos.

Quantos corações agradecidos, quantas lagrimas nos vimos correr de tantos infelizes que puderam assim aquecer-se e confortar-se na noite que tantas recordações nos traz!

Na presente anno distribuiram-se em Guimarães bastantes esmolas, mas a carestia assustadora da vida, faz com que nada chague para tanta necessidade urgente.

Um hajam pois aquellos que se lembram de quem soffre! Que as bençãos do Céu recaiam sobre si e sobre suas familias.

Como já tambem noticiamos, a autoridade administrativa, auxiliada com o dinheiro da beneficencia e de diversos industriaes e proprietarios, contemplan grande numero de pessoas necessitadas solemnizando assim o dia do Natal.

D'essa distribuição foram encarregadas as Juntas das freguezias e as Redacções dos jornaes vimezanenses e correspondentes de diversos diarios.

Da s. ex.ª recebemos para esse fim, 280000 reis para distribuir por 19 pobres, isto é, pelos nomes por nós fornecidos.

D'uns e d'outros publicaremos

COLLEGIO ACADEMICO

As aulas d'esta antiga e conceituada casa de educação e ensino reabrem no dia 7 do proximo Janeiro sob a orientação dos seus antigos directores, snrs. dr. Alfredo Paixoto e Luiz Gonzaga Pereira, continuando a receber alumnos internos, semi-externos e externos.

os nomes e moradas, conforme as dimensões do nosso jornal o permittem.

As generoso anonymo, que annuamente nos visita, em dia 13, sobemna, em nome dos contemplados, lhe beijamos as mãos.

«O Commercio de Guimarães» tambem agradece reconhecido ao sr. Administrador do Concelho a generosa offerta que lhe enviou para os seus protegidos.

- Josephina Clara, Santa Cruz 500
- Rosa de Jesus, rua de Francisco Agra 500
- Maria de Jesus rua de D. João I 1500
- Anna da Silva, rua de D. João I 1500
- Eduardo Ferreira rua de D. João I 500
- Rosalina da Silva rua Egas Moniz n.º 49 500
- Rosa de Jesus Pacheco Albergue de Sta. Margarida 500
- Maria da Graça Ferreira, rua Francisco Agra 500
- José Joaquim da Silva rua Gravador Molarinho 500
- Rosa Clara viuva, rua da Ramada 500
- Rosa Ermelinda, Albergue Sta. Margarida 500
- Maria de Jesus Teixeira, Payo Galvão 500
- Joanna Maria da Silva, rua de Gamões 500
- Rosa Maria viuva Travessa de Gamões 500
- Aurora de Jesus rua de D. João I 500
- Sophia dos Prazeres, rua D. João I Francisco Antonio, rua Francisco Agra 1500
- Emília da Conceição, rua Nova 500
- Rosa de Sousa, rua D. João I 500
- Maria do Sacramento, rua da Oliveira 500
- Leonor Joaquina, rua D. João I 500
- Antonio Francisco Mendes rua Francisco Agra 500
- José Russo, tuberculoso, Largo da Oliveira 500
- Anna Vieira, Trinas 500
- Virglia Eulalia do Rosario, rua da Ramada 500
- Candida Rosa, rua D. João I 500
- Anna Maria, viuva, rua D. João I 500
- Anna da Silva, Praça de S. Tiago 500
- Anna Rosa, rua de Santa Maria 500
- Eugenia Mendonça de Santa Maria 500
- Emília de Freitas, Pto. 500
- Emília Pereira Mesquita, rua de Louros 500
- Emília d'Oliveira, viuva, Oliveira 500

(Continua)

ARREMATACÃO

(1ª Publicação)

No dia desasseis de Janeiro proximo, por doze horas, em virtude de execução por custas e sellos que o Ministerio Publico move neste juizo contra Antonio de Sousa, casado, pedreiro, do lugar do Souto, freguezia de Santa Eulalia de Buroças, da comarca de Lousada, ha de proceder-se, em hasta publica, á porta do tribunal judicial desta comarca de Guimarães, á venda dos seguintes direitos e acções, que serão entregues pelo maior lance obtido acima dos valores abaixo indicados; a saber: o direito e acção que o executado tem á quantia de 40000, parte do

capital por elle perdido em acção de processo ordinario que movia, pelo cartorio do escrivão que está assina, contra Carolina da Cunha, viuva, proprietaria e Domingos de Almeida Guimarães, solteiro, industrial, ambos da freguezia de Mirraira de Conegos, desta comarca, a qual quantia já foi pela ré confessada: este direito será posto em praça por três quartas partes do seu valor, ou seja pela quantia de 30000.—E o direito e acção que a executada possui ter á quantia de 177000, resto do pedido na referida acção, ainda não findo: este direito será posto em praça por 1500.

Ficam citados quaesquer credores incertos.

Guimarães, 23 de dezembro de 1920.

Verifiquei a exactidão

O juiz de Direito,

Anadeu G. Guimarães

O escrivão do 2.º officio

Serafim José Pereira Rodrigues

COMPANHIA DOS BANHOS DE VIZELLA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

A DIRECCÃO d'esta Companhia faz publico que, tendo-se procedido ao sorteio de quatro obrigações do emprestimo de 1890, em harmonia com a condição 4.ª do respectivo compromisso, sahiram sorteadas as de numeros 362 390, 455 e 670 que desde o dia 1 do proximo mez de janeiro se julgam amortizadas, deixando, portanto, de vencer juros.

O pagamento das obrigações amortizadas e juros vencidos principia no dia 2 do proximo mez de janeiro, em Guimarães na casa do sr. Manuel Pinheiro Guimarães & C.ª e no Porto na casa dos snrs. José Martins Fernandes Guimarães & C.ª, na rua do Almada, em todos os dias uteis.

Guimarães, 20 de dezembro de 1920.

Os directores,

- Miguel A. Moreira de Sá e Melo
- José Pinto de Sousa Castro
- José Ribeiro Moreira de Sá e Melo

DINHEIRO A JUROS

Dá-se sobre hypotheca 6:000\$000 reis a juro modico.

Nesta Redacção se diz.

ANUNCIO

Editos de 4 mezas

(1.ª publicação)

PELO Juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão abaixo assignado, corre seus termos um processo de acção especial para curadoria definitiva de bens de ausente em que é actor José Francisco, casado, lavrador, morador no lugar do Celeiro, da freguezia de Silvares, desta comarca e reus Antonio Francisco, solteiro, lavrador, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, o Magistrado do Ministerio Publico, Antonio Pinto Pereira Mendes, alfaiate, morador no

prelio com os numeros de policia 24 e 26, situado na rua Trindade Coelho, desta cidade, como arrendatario do mesmo predio pertencente ao dito ausente e interessada incertos, nos quaes se proferiu sentença com data de 9 do corrente mez e ano que julgou procedente e provida a acção e o autor habilitado como herdeiro do dito ausente seu irmão Antonio Francisco deferindo-lhe a curadoria definitiva dos bens do mesmo ausente, em vista do que, e para os efeitos do § 2.º do artigo 407 do Codice do Processo Civil, correm editos de quatro mezas que se começarão a contar da ultima publicação deste annuncio, a tornar publica a dita sentença.

Guimarães, 21 de dezembro de 1920

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Anadeu G. Guimarães

O escrivão do 6.º officio

Agostinho da Costa Oliveira Bastos.

R. H. S. P.

MALA REAL INGLEZA



PAQUETES CORREIOS A SAHIR DE LEIXOES

DESEADO—Em 1 de Janeiro Para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres. Preço da passagem em 3.ª classe Esc. 375000

ARAGUAYA—Em 10 de Janeiro Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres. Preço da passagem em 3.ª classe. Esc. 480000 (Impostos comprehendidos)

Estes paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais o paquete

ALMANZORA—Em 3 de Janeiro Para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres. Preço da passagem em 3.ª classe Esc. 380000 (Impostos comprehendidos)

Na agencia do Porto podem os snrs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, mas para isso recommendamos toda a antecipação.

Dirigir aos unicos Agentes no Norte de Portugal:

Tait & C.ª

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE—PORTO. Ou aos seus correspondentes nas provincias.

Unico correspondente em Guimarães Luiz José Gonçalves Bastos